

## OS SINDICATOS E A AÇÃO COLETIVA DOS TRABALHADORES

*Prof. Dr. Antônio David Cattani \**

Inicialmente, gostaria de agradecer o convite formulado para participar deste seminário. Eu conheço várias cidades do Rio Grande do Sul, tenho participado de palestras, seminários em praticamente todas as universidades e, por uma estranha coincidência, não conhecia a UNISC, a própria Santa Cruz. Fazia muitos anos que não vinha a esta cidade.

Então, é com grande satisfação que encontro uma Universidade num processo de crescimento, de uma energia que se sente em contato com os professores e com os alunos e espero que a minha palestra também faça sucesso e que me convidem, novamente, numa outra oportunidade.

Eu fiz questão de distribuir o resumo, uma síntese, o esquema da palestra, como uma tentativa de registro, uma vez que a maior parte das pessoas aqui presentes são estudantes, estão interessados neste tema e participaram do seminário. Então fica o registro dos principais pontos que eu vou falar, e uma bibliografia indicativa tratando sobre a globalização e as transformações na economia contemporânea.

É louvável este esforço da UNISC em promover um seminário desta natureza, porque por mais que a região e essa universidade estejam em processo de desenvolvimento, e aparentemente imune às crises e às turbulências maiores, essa imunidade é relativa. Não quero apresentar uma visão catastrofista, pelo contrário, minha visão é extremamente otimista do processo, ou das alternativas que se apresentam a esse processo, mas nós temos que ter consciência do que está acontecendo.

O processo de globalização e as alternativas sociais que se apresentam a este processo, atingem com força o mundo inteiro. É como a inflação. Uma pessoa podia morar no interior do Cacequi e dizer: "A inflação não me interessa". Não, mesmo lá no interior, o processo inflacionário acaba afetando. A mesma coisa acontece com as grandes transformações no mundo contemporâneo, um processo universal. Ele tem uma dinâmica que atravessa fronteiras,

\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

atravessa países e atinge as mais distantes cidades, os grupos sociais que se imaginavam a salvo.

A referência aos livros, inclusive este último que eu estou lançando - foi lançado mês passado - é uma tentativa de clarear alguns conceitos fundamentais para o entendimento do processo em curso. Por mais ilustrados que vocês possam estar através dos jornais, da mídia, o conhecimento desse processo passa por uma leitura mais aprofundada.

Vou falar rapidamente de três pontos. O primeiro, inclusive retomando algumas questões que já foram abordadas nas palestras de segunda e terça, é apenas uma tentativa de sistematização de questões referentes a globalização ou do que se chama um novo paradigma, essa nova dinâmica, essa nova formatação da economia em escala internacional.

O novo paradigma, ou seja, esse modelo de referência que está superando o modelo anterior, que não foi completamente superado, mas ele, o novo, já está sendo a referência obrigatória, ele é a conjugação de vários processos.

Primeiro, é a automação intensificada, o processo de mecanização que o capitalismo conheceu ainda no século XIX, as diferentes fases da mecanização ao longo do século XX, ou seja, não tem nenhuma novidade. A novidade seria a intensificação dessa automação de base microeletrônica, mudando o perfil das empresas, mudando as possibilidades de produção. A isso se soma a reestruturação produtiva, um tema já abordado, ou seja, como as empresas se organizam em termos externos, de fusões de empresas, de grandes negócios, de mudanças na forma de produzir e de vender os seus produtos, por exemplo, o mais claro e o mais conhecido é a *Benetton* ou a *Nike*. A *Nike*, uma das grandes empresas multinacionais, que não produz absolutamente nada, a empresa não contrata ninguém, ela apenas é uma empresa virtual que agencia a produção em vários lugares do mundo.

A *Network economics*, seria essa forma de uma economia, da informação, na qual a informação é um produto, extremamente importante que condiciona a mentalidade das pessoas, as formas de intercâmbio de mercadorias, de serviços, etc.. Vocês vejam, as grandes fortunas deste final de século são justamente da área de comunicação, telecomunicações, da informática, os *Bill Gates* da vida, os *Ted Turner*, etc... E isso, é como um campo da economia que vem crescendo de uma forma extraordinária, em alguns setores, na área da informática, o crescimento anual é da ordem de 20% ao ano.

Outro ponto importante é a redução do Estado, a onda internacional das privatizações, do enxugamento do Estado, de uma reformulação da participação do Estado como produtor, como gerador de empregos. O domínio do capital financeiro, e vocês viram nesta última semana o que representa o processo do

capitalismo volátil, que um processo especulativo no Extremo Oriente acaba afetando as compras de Natal que vocês pretendiam fazer. Isso é justamente a especulação financeira em termos internacionais, uma mobilidade extraordinária do capital dando conteúdo a esse termo genérico de globalização. Todos esses processos são associados e atingem o planeta inteiro.

Nós poderíamos ver longamente as vantagens, pois este processo tem grandes vantagens, de uma certa racionalização da produção: produtos mais baratos, de melhor qualidade. Eu vou apenas destacar os problemas sociais, tudo isso não acontece de forma neutra, o novo modelo tem um custo social altíssimo, ampliando as hierarquias entre as pessoas, em termos sociais, culturais, econômicos. Nós temos pessoas que falam trilingüe e que tem acesso via internet a informações do mundo inteiro e o analfabeto, ao seu lado, não tem acesso ou informação nenhuma a conhecimento, etc. Isso existia antes também, apenas a distância entre as pessoas está aumentando, as hierarquias econômicas culturais e sociais.

No mundo inteiro estamos vivendo o fenômeno da nova pobreza. Quer dizer, a pobreza sempre existiu, mas a ideologia desenvolvimentista dos últimos cem anos diz o seguinte: "Todo mundo que se esforçar, que estudar, que trabalhar, será integrado ao mercado e, lentamente, terá uma posição melhor". Alguns excepcionais crescerão, em termos econômicos, mais rapidamente. O que se observa nos países mais desenvolvidos é o surgimento da nova pobreza, ou seja, gente que não era pobre e está se transformando em pobre.

Para o público jovem, como o desta noite, uma questão que interessa diretamente é a questão do desemprego. A previsão para o final do século nos países mais desenvolvidos, particularmente na Europa, é do desemprego permanente da ordem de 20%, ou seja, uma em cada cinco pessoas não poderá sobreviver com o fruto do seu trabalho, seja, como assalariado, ou seja como pequeno empreendedor ou como profissional liberal. Vocês podem dizer que nos Estados Unidos esse índice é bem menor. Não, nos Estados Unidos a situação não é muito diferente, o que na verdade está havendo é um subemprego, fazendo com que as pessoas oficialmente estejam empregadas, mas com rendimentos que não permitem a sua sobrevivência econômica. 78% dos novos empregos criados nos Estados Unidos são empregos desqualificados e com baixa remuneração. E isso está associado a um processo de exclusão e, resumindo, com custos sociais altíssimos.

O novo paradigma econômico não é um paradigma que está homogeneizando as situações de trabalho, as situações econômicas. O contrário. As desigualdades são crescentes. Vocês podem pensar: "Então estamos a salvo porque estamos num pólo que está crescendo, numa região produtiva e que vai

se dar bem.” Tomara que seja. Mas enquanto esse processo beneficia uma determinada região ele está prejudicando outra.

Pela primeira vez na história do capitalismo moderno nós temos desigualdades crescentes em termos pessoais e em termos regionais. A tentativa de homogeneização não ocorre no novo paradigma. O primeiro quadro um pouco catastrófico.

Um segundo ponto. Tudo isso provoca resistências e iniciativas sociais. Estão surgindo novos campos da ação coletiva - o tema do painel dessa noite - que buscam uma correção de rota, que buscam suavizar os problemas mais graves e, em alguns casos raros, buscam uma alternativa.

Vou destacar os principais. O movimento ecologista, não muito forte no nosso país, mas também importante como uma forma de articular a energia das pessoas em torno de causas mais interessantes, não utilitaristas em termos econômicos. Todo o movimento de direitos humanos, a busca de uma cidadania plena, e não simplesmente da cidadania permitida pelo consumo, buscar a idéia de uma realização plena na sociedade. São movimentos crescentes, estou sintetizando, poderíamos também falar do movimento sem-terra, uma iniciativa que não é original, pois já ocorreram iniciativas parecidas em outros períodos da história brasileira, mas que nos últimos anos tem crescido de forma extraordinária e que se apresenta como uma real alternativa para a questão da miséria urbana, para a questão do desemprego, da sobrevivência das pessoas no meio rural.

E uma coisa mais recente, que também tem aparecido, aí sim de forma original, é a questão do terceiro setor, ou seja, formas não capitalistas e não estatais de organização das pessoas em torno de causas diversas da solidariedade, de entidades sem fins lucrativos, que, de uma maneira ou de outra, permite uma outra circulação de renda.

Tudo isso é muito interessante, é muito bonito, louvável, e aí a pergunta: “E as instituições clássicas, como partido e sindicato, elas são importantes? O novo modelo destrói o espaço de realização dos sindicatos?” E se eu fosse fazer uma enquete entre os jovens, por exemplo hoje à noite, a maioria, acredito que talvez tivesse uma opinião favorável com relação aos partidos, seja eles de direita ou de esquerda. Quer dizer, reconhecem no partido uma forma de organização social, mas seguramente não vêem no sindicato uma forma interessante de mobilização, de participação. Espero não estar fazendo um julgamento errôneo, mas eu sou sindicalista, atuo no movimento sindical durante muitos anos e acompanho especialmente a reação dos jovens, no caso jovens de nível superior cursando uma universidade com relação aos sindicatos. “Os sindicatos assim por um lado são os operários, aquele pessoal que têm uma visão corporativa”.

Quer dizer, não está na ordem do envolvimento social dos jovens a questão sindical.

E eu vou dizer que isso é extraordinariamente lamentável, eu diria que, sem agredir os presentes que não tem uma visão positiva do sindicalismo, isso é próprio de uma mentalidade subdesenvolvida. Vocês sabem que os países com melhor distribuição de renda no mundo, com mais dignidade no trabalho, com os menores índices de desemprego, são os países com os mais altos índices de sindicalização: Suécia, Finlândia, Canadá, Dinamarca, Bélgica. São países nos quais a miséria que nós conhecemos não ocorre de jeito nenhum e isso está associado a um envolvimento da população com a idéia associativa. Uma idéia de participar de entidades que tem, claro, um objetivo estrito de defesa de salários, de condições de trabalho, de geração de emprego, mas que está associado a um movimento mais amplo de busca do bem coletivo.

Para reforçar esta idéia. A idéia de que o movimento associativo é um fator indispensável para o progresso econômico, em primeiro lugar; e para o progresso social. A idéia que prevalece no Brasil, dentro da mentalidade que nos passam os meios de comunicação de uma certa cultura elitista é assim: “Cada um por si”. Um individualismo exacerbado como forma de se profissionalizar e de ter um bom espaço de trabalho, um bom salário, um bom emprego, uma boa carreira. Sempre pensado e construído de forma estritamente individual.

A idéia de associação para buscar um objetivo comum não está presente na cultura brasileira. Um livro extraordinário do Pedro Demo que se chama *Cidadania menor*, no qual ele faz um levantamento com dados do Brasil inteiro, mostra que 0,5% da população participa ativamente de entidades partidárias ou sindicais. As pessoas não têm o hábito de se envolver com o movimento associativo, movimento de bairro, movimento cultural, ecologista. Vocês vão ver que o movimento que existe no Brasil e existe em todas as cidades é uma ação de pequenos grupos de ativistas que acreditam na causa, que lutam, que militam durante 24 horas por dia. Quer dizer, não é um movimento amplo que as pessoas contribuam com pouca coisa, com alguns recursos financeiros, ou algumas horas por semana, ou por mês. É aquela coisa assim, a mentalidade do caroneiro: faz um estrago extraordinário no Brasil. Ou seja, se alguém está indo prá lá, eu aproveito a carona, mas eu não me mobilizo para que isso seja um caminho construído coletivamente.

Eu terminaria reforçando essa idéia, recomendaria o livro *Trabalho e Autonomia*, que tem toda uma parte que discute a questão da relevância política e econômica, inclusive do movimento associativo, de não ver as entidades como uma sede que tem um presidente e um secretário, que vão lá de vez em quando, mas como uma casa que nos pertence. E eu me sinto bem em colocar estas

questões numa universidade como esta, que é uma universidade comunitária. Vocês têm uma oportunidade rara de eleger os seus representantes, porque isso não ocorre na maioria das universidades brasileiras, com exceção das federais.

Ao votar para um determinado candidato vocês estão compartilhando com algumas idéias e são responsáveis também pela sua gestão e não se encerra: "Votei e a minha responsabilidade está encerrada". Não. É um trabalho de construção coletiva. Se essa Universidade, se essa cidade progredir, tiver reputação regional e, ao mesmo tempo, nacional, não é por que existe uma ou outra pessoa bem intencionada, brilhante, capaz, que vai levar adiante. É um processo coletivo. O mesmo raciocínio que se aplica à Universidade se aplica ao conjunto da sociedade. E na questão do trabalho, que é a questão central da organização da vida, nós somos em grande parte o que nós trabalhamos, onde nós trabalhamos. Pode ser uma forma muito mais enriquecedora se levada em termos coletivos.

Boa noite, obrigado!